

Um trago de apocalipse

11 DEZ 1994

GILBERTO PAIM

O sociólogo presidente deve ter considerado como gota d'água no Tietê esses dez mil empregos novos criados nas empresas representadas pelos sindicatos filiados à Fiesp, desde o lançamento do real. A cifra equivale a menos de 1% dos desempregados paulistas. São Paulo lembra a França, onde a força de trabalho cresce de modo quase imperceptível, enquanto registra incremento surpreendente o valor de sua produção de bens e serviços. E assim a marcha da modernização. Em Paris, o presidente eleito, antes de se tornar professor universitário, foi o mais brilhante aluno estrangeiro dos cursos de sociologia da OCDE. Esta organização, uma superuniversidade, nos informa que, nos últimos 15 anos, a força de trabalho francesa cresceu apenas meio por cento.

Já sabe o eleito do povo que, durante seu mandato, o processamento eletrônico de dados eliminará empregos, no Brasil, numa escala que tem como referência a parcela iletrada da população trabalhadora. Os 75% de trabalhadores analfabetos e iletrados, perfazendo 47 milhões de pessoas, serão o alvo preferido da força motriz do desemprego na era da modernização. Tem-se idéia do que está acontecendo quando se verifica que 22,5 milhões de trabalhadores franceses realizam um produto interno da ordem de US\$ 1,5 trilhão. Se o ritmo de modernização da economia brasileira prosseguir na escala dos últimos anos, o país continuará precisando de 62 milhões de pessoas para produzir apenas parte do que produzem os 22 milhões de franceses?

O presidente eleito conhece a fundo o quadro social do país. Sabe que, nas mesmas faixas etárias daqueles 62 milhões, que formam a população ocupada, há 52 milhões de outros brasileiros, de 15 e mais anos de idade, um contingente que reforçará o exército de pessoas em busca de trabalho remunerado. Essa é a dimensão do problema social com que se defronta o eleito.

Resta esperar que se realize a previsão de Luiz Inácio Lula da Silva, no sentido de que aquele que o derrotou no primeiro turno, a 3 de outubro, poderá ficar no poder por oito anos. Na verdade, para colocar o

país no rol dos países ricos do Hemisfério Norte, o presidente eleito precisará de experiência acumulada, no exercício do poder, para vencer limitações de homens e mulheres de sua equipe. Segundo informa Miriam Leitão, colunista do GLOBO, pessoas influentes da equipe de Fernando Henrique alegam questão de soberania para condenar a abertura de contas em moeda estrangeira nos bancos em funcionamento no país. Quando o professor Roberto Campos propôs a medida, há 25 anos, os depósitos em dólares eram uma novidade que começava a render dividendos aos países ricos que se adiantaram na adoção dessa providência. Hoje, Portugal e países menores disputam no mercado financeiro internacional depósitos em moeda estrangeira. Também há na equipe do presidente eleito pessoas que defendem

‘A rejeição ‘à outrance’ dos papéis do Tesouro provocará um desastre retumbante’

os monopólios estatais, e que podem sobreviver com voz e voto em seu Governo.

Importa, agora, saber se os membros da equipe deixarão o presidente enfrentar corretamente o problema social da geração de empregos. Eles precisariam de assistência dos economistas que fizeram as reformas de Deng Xiaoping, para substituir por uma concepção realista as travas mentais de seu academicismo. O ingresso de dólares para aplicações no mercado financeiro e nas bolsas de valores é acompanhado da emissão de papel-moeda. Para absorver o excesso de dinheiro em circulação, o Banco Central lança títulos que o mercado adquire sob o fascínio de elevadas taxas de remuneração. Praticamente um sacrifício inútil para neutralizar o impacto inflacionário. Esses dólares não geram emprego e

têm efeito pernicioso, coincidindo seu ingresso com restrições às vendas ao exterior, pois o Governo quer bloquear maior entrada de dólares pela via da exportação.

Os reformistas chineses fariam exatamente o contrário. Atribuindo prioridade máxima à geração de empregos, adotariam critérios realistas, para tornar desinteressantes as aplicações especulativas do “hot money”, e ofereceriam estímulos aos capitais estrangeiros destinados à produção para consumo interno e à exportação. Já que o presidente eleito não é economista, o mais provável é que descubra por si mesmo o caminho certo a seguir, daí decorrendo a criação de condições que podem assegurar-lhe a permanência na direção do país por lapso de tempo mais longo. Ele há de argumentar com a equipe que a exportação gera empregos, eleva a renda nacional, aumenta a receita pública, acelera a modernização e faz da reserva cambial de alto nível uma fonte de respeito do país no exterior. Taiwan, ilha de 21 milhões de habitantes, com PIB de US\$ 170 bilhões, mantém reserva cambial da ordem de US\$ 90 bilhões, a maior do planeta, sem que isso afete a estabilidade de sua moeda. A renda per capita dos ilhéus era, em 1950, de apenas US\$ 40, em comparação com os US\$ 8 mil atuais. Membros da equipe de Fernando Henrique desconsideram esses fatos.

Uma das armadilhas que a equipe econômica prepara para o presidente eleito reside no aconchego com que hoje se fala em desindexação total da economia. Por maior que seja a crença no Plano Real, uma atitude prudente aconselharia a preparação do novo Governo para enfrentar grave turbulência nos seus primeiros meses. A 31 de dezembro a inflação do real estará na faixa dos 23%. O impacto da reposição das perdas salariais em escala talvez mais alta do que essa taxa há de causar desequilíbrio temporário nas contas públicas. Na presença de inflação ascendente, os títulos federais desindexados não encontrarão tomadores. Em consequência, a rejeição ‘à outrance’ dos papéis do Tesouro provocará um desastre financeiro retumbante. Sabendo disso, o presidente eleito há de preferir os oito anos da previsão de Lula aos sete meses que as “forças ocultas” deram ao presidente Jânio Quadros.

Gilberto Paim é jornalista.